

EDUCAÇÃO E TRABALHO DA MULHER NO CAMPO E SUAS INVISIBILIDADES

Giovana Sitó Alves¹
Léia Beatriz Sell²
Amanda Motta Castro³

Resumo: O tema do trabalho da mulher e seu papel no campo busca resgatar a importância do seu trabalho, sua valorização, incentivando a igualdade de gêneros no campo. Abordando essa temática na escola, pretende-se despertar uma visão crítica e politizada sobre a igualdade de gênero no campo e a valorização das atividades da mulher no campo seja no trabalho doméstico, na lavoura ou na criação de animais, desconstruindo a ideia de que existe trabalho de homem e trabalho de mulher. O trabalho feminino está presente na história da nossa sociedade, mas raramente é visto como um trabalho e é comum ser reconhecido como “ajuda”. A desigualdade acontece a partir do momento em que se questiona a qualidade, o desempenho e aptidão da mulher nas atividades realizadas. Esse assunto foi colocado em discussão em uma roda de conversa com estudantes do ensino médio, concomitante ao ensino técnico, de uma da Escola Técnica Estadual, na zona rural de São Lourenço do Sul. Ao tratar do assunto com os jovens estudantes, de ambos os sexos e idades entre 15 e 25 anos, foi possível observar diversos pontos de vista sobre o assunto. Alguns estudantes vivenciam esta desigualdade diariamente, e outros em sua experiência de vida não notam que existam diferenças no trabalho do campo realizado por mulheres ou homens.

Palavras-chave: Trabalho das mulheres do campo; Educação do campo; Gênero.

EDUCATION AND THE WOMAN WORK AT THE RURAL AREA AND ITS INVISIBILITIES

Abstract: The topic of women's rural work and their role searches to recover their work importance and their value, encouraging gender equality in countryside. In approaching this topic in school, it is intended to encourage a critical and politicized gender equality view in countryside and the women's activities valorization, whether in domestic work, farming or animal's breeding, deconstructing the idea that there is a male work and a female work. The female work is present in our society history, but it is rarely seen as a job and it is often accepted as a "help". The inequality occurs when the quality, the

¹ Estudante do curso de Educação do campo. Universidade Federal do Rio Grande, São Lourenço do Sul - Rio Grande do Sul. Contato Giovanaagrop.ambiente@gmail.com

² Estudante do curso de Educação do campo. Universidade Federal do Rio Grande, São Lourenço do Sul - Rio Grande do Sul. Contato Leia.sell@hotmail.com

³ Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande/ FURG. Doutora em Educação pela UNISINOS com bolsa CAPES e período sanduíche realizado no departamento de Antropologia da UAM. Com o olhar na América Latina, tem-se ocupado em pesquisar os processos de produção do conhecimento de mulheres artesãs buscando analisar a complexidade dessas aprendizagens articulando Educação Popular, Estudos Feministas, Formação e Trabalho. Contato: motta.amanda@gmail.com

performance and the aptitude of women in the activities performed are questioned. This subject was put in discussion in a high school students conversation, concomitant to the technical education, at a State Technical School in a rural area of São Lourenço do Sul. It was possible to observe several points of view on the subject when discussing it with young students of both genders and ages between 15 and 25 years old. Some students experience this inequality daily, and others do not notice differences between the rural work conducted by women or men.

Keywords: Rural women work, Rural Education; Gender.

INTRODUÇÃO

O gênero é um dos fatores medulares na construção de desigualdades. Para além das diferenças biológicas, foram estruturadas distinções sociais e culturais entre homens e mulheres, dentro das quais se estabelecem hierarquias de poder, de status e de renda. Finalmente, os atributos individuais constroem-se socialmente como resultado de processos históricos. (DIAS, 2007, p. 128)

Este trabalho foi realizado no segundo semestre de 2016 por estudantes do curso de Educação do Campo, da Universidade Federal do Rio Grande na disciplina de Práticas Educativas Escolares e Comunitárias (PEEC).

As mulheres sempre desempenharam um papel fundamental no processo de desenvolvimento sociocultural e econômico do território rural. Sua importância não se limita à participação nas atividades agrícolas ou não agrícolas, mas está intimamente ligada aos costumes, tradições e valores. (CARNEIRO, 2001 P. 01).

Michelle Perrot (2007) aponta que ao longo da história as mulheres sempre trabalharam, mas raramente suas atividades são vistas como um trabalho e é comum serem reconhecidas como “ajuda”. Para Elisabeth Maria Cardoso, da ONG Articulação Nacional de Agroecologia:

No campo, a agricultura, que é a atividade produtiva, se confunde com a doméstica. E a mulher não é reconhecida pelo trabalho produtivo, é como se não fizesse nada. Ao se ausentar, a mulher deve conseguir adiantar as obrigações do lar ou ter quem a substitua. É um preconceito muito grande. Mesmo com as outras mulheres acham estranho se a vizinha começa a sair demais. As companheiras começam a falar mal, a dizer que esta enganando o marido”. (Elisabeth Maria

O objetivo principal deste trabalho, oriundo da PEEC, conforme já mencionado, foi auxiliar na construção coletiva e individual da concepção de que precisamos ser iguais e com os mesmos direitos, buscando uma sociedade com relações de gênero mais justas e igualitárias. Além disso, buscar em alguma medida descontextualizar o trabalho da mulher como uma ajuda e percebê-lo como atividade produtiva em que é legítima a busca por direitos e remunerações.

Para isso, buscamos discutir a valorização do trabalho das mulheres que desempenham diversas tarefas no campo, as quais muitas vezes têm seu trabalho totalmente invisibilizado (CASTRO, 2014 & 2015). Para Heleieth Saffioti 2013:

Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social. Nas economias pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhavam nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, teciam e fiavam, fermentavam a cerveja e realizavam tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel fundamental. (2013, p. 32)

Segundo Prisca Kergoat (2011), no fim do século XIX, surgiu a noção do “ofício de mulher”. Neste momento, definiu-se o ofício de mulher em torno das então chamadas qualidades “naturais e inatas” das mulheres: o cuidado com o outro, o amor e a maternidade (LAGARDE, 2011)

A desvalorização do trabalho feminino estaria ligada à falta de necessidade de aprendizagem e de qualificação (KERGOAT, 2011). Marcela Lagarde (2011) também aponta nessa direção, afirmando que a desvalorização do trabalho das mulheres acontece pelo fato da sociedade acolher a ideia de que as mulheres têm, como última e principal missão, a maternidade, isto é, tomarem o cuidado para com o outro como tarefa básica e principal.

Portanto, este texto ratifica os estudos feministas que a longa data têm trabalhando para o reconhecimento do trabalho da mulher. Compreendemos que falar

sobre essa questão é uma das formas de visibilizar o que as mulheres têm feito ao longo dos anos.

Escola Técnica Estadual da zona rural de São Lourenço do Sul



Fonte: Amanda Motta Castro. 2016

METODOLOGIA

A metodologia proposta e aplicada no projeto que deu origem a esse artigo foi a realização de rodas de conversa com estudantes e docentes da Escola Técnica Estadual, na zona rural de São Lourenço do Sul com auxílio de materiais e métodos expositivos, com entrevistas e vídeos de exemplos de empreendedorismo feito e desenvolvido por mulheres.

DADOS SOBRE A MULHER NO CAMPO

O trabalho produtivo realizado pelas mulheres no âmbito da agricultura familiar é grandemente subestimado pelas fontes estatísticas oficiais, pois se parte da premissa que a mulher ocupa o espaço da casa e que sua ocupação principal é, portanto, a atividade doméstica. (PACHECO, 1996).

De acordo com o Anuário das Mulheres Brasileiras, publicado pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), em 2011, dos 27,1% de empregos permanentes da agropecuária, somente 5,1% são ocupados por mulheres. Quanto aos empregos temporários, os homens totalizam 17% contra 6,1% das mulheres.

Tristemente, a única estatística em que as mulheres lideram é a referente ao trabalho não remunerado: 30,7% de mulheres labutam sem expectativa de ganho monetário, contra 11,1% de homens na mesma situação. Ainda no quesito remuneração, o Anuário informa que mais de 80% das mulheres residentes na área rural recebem até 01 (um) salário mínimo por mês.

Segundo MELO (2006, p.02), já se sabe que, em nível mundial, as agricultoras contribuem ativamente para produção dos alimentos básicos, sendo responsáveis por mais de 50% dos gêneros alimentícios produzidos.

Nos países em desenvolvimento, por exemplo, sabe-se que a mulher responde por 43% da força de trabalho na agricultura, variando de 20% na América Latina a 50% na África Subsaariana. A edição 2010- 2011 da publicação “O Estado Mundial da Agricultura e da Alimentação”, elaborada pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), aponta que, se as mulheres tivessem os mesmos recursos de produção disponibilizados aos homens, elas poderiam aumentar a produtividade de suas lavouras de 20 a 30%. E este dado fica mais alarmante quando vem acompanhado de outras projeções: se as condições entre homens e mulheres do campo fossem igualitárias, a produção agrícola dos países em desenvolvimento teria um acréscimo de 2,5 a 4%, o que poderia reduzir de 12 a 17% o número de pessoas famintas no mundo.

Neste sentido, torna-se imperioso reconhecer o papel da mulher na seara agrícola, como forma de estabelecer políticas públicas que valorizem e incentivem o

trabalho desenvolvido por elas. A história a seguir é ponto fora da curva quando se trata das condições enfrentadas pela mulher no campo, visto que somente 0,8% tornam-se empregadoras. Por isso, é tão essencial que seja contada, para que sirva de incentivo e inspiração.

O TRABALHO INVISÍVEL DA MULHER E SUA SAÍDA DO CAMPO

Diversos estudos apontam (NEVES; MEDEIROS, 2013) que as atividades da mulher rural não estão apenas circunscritas ao cuidado reprodutivo, pois elas também realizam atividades em lavouras e atividades de produção de alimentos, que não são reconhecidas como parte produtiva da agricultura.

Inclusive, na maioria das vezes, as mulheres rurais sequer são consideradas agricultoras, sendo conhecidas como a mulher ou a filha de determinado agricultor.

Segundo Celecina Sales (2007, p.437), a presença das mulheres rurais na produção agrícola familiar é um fato. Mesmo na invisibilidade, não se pode negar que elas estão ocupando terras, plantando, colhendo e cultivando o desejo de ter uma terra livre e usufruí-la com seu trabalho.

Presentes na casa, no quintal, na roça e na luta pela terra, as mulheres ainda lutam pelo direito de serem reconhecidas como trabalhadoras. Isso porque sofrem com o baixo reconhecimento, com a invisibilidade e, além disso, com baixa ou nenhuma remuneração (WEISHEIMER, 2007), nas palavras de Elizabeth Cardoso:

A falta de reconhecimento vem do marido, dos filhos e até de técnicos que trabalham com comunidades rurais. Elisabeth cita o exemplo de um curso pós-colheita de café ministrado na Zona da Mata de Minas Gerais. “Era ministrado aos homens, mas quem faz a secagem do café é a mulher”, explica. De acordo com a coordenadora, o fato de as tarefas domésticas somadas ao trabalho na roça tomarem muito tempo dificulta a frequência de espaços públicos pelas mulheres do campo. “Muitas vezes, o espaço onde ela vai restringe-se à escola e à igreja”, diz. Segundo Elisabeth, ao se ausentar, a mulher deve conseguir adiantar as obrigações do lar ou ter alguém que a substitua. (Elisabeth Maria Cardoso da ONG Articulação Nacional de Agroecologia, p 01, 2014)

As palavras da agricultora Elizabeth corrobora com os estudos de (NEVES; MEDEIROS, 2013), que afirmam que “na maioria das vezes as mulheres rurais nem sequer são consideradas agricultoras, sendo mais bem conhecidas como a mulher ou filha de determinado agricultor” (p 08).

A dificuldade encontra-se na problemática da definição do que é considerada atividade de produção agrícola e do que pode ser considerada atividade doméstica, levando em consideração que as próprias mulheres rurais não veem a separação entre estas atividades. Cardoso afirma que “precisa, ainda, enfrentar o preconceito dentro e fora de casa. “É um preconceito muito grande. Mesmo as outras mulheres acham estranho se a vizinha começa a sair demais. As companheiras começam a falar mal, a dizer que está enganando o marido”. (2014, p 01)

A noção de multifuncionalidade ou simultaneidades agrícolas pode ser utilizada como instrumento de análise do papel da mulher rural, uma vez que oferece a possibilidade de construir um novo e ampliado olhar da agricultura de base familiar, possibilitando uma análise que se desvincula do caráter predominantemente econômico da agricultura familiar.

Percebe-se que as maiores dificuldades enfrentadas pelas mulheres em permanecer no campo são a falta de trabalho e a precariedade da educação. Muitas mulheres saem, ainda adolescentes, do campo em busca de emprego e condições de ter sua própria renda, de estudar e, até mesmo, de conseguir dar continuidade aos estudos.

Pesquisas sobre a migração juvenil do campo apontam para uma maior propensão à evasão feminina, o que causa o desgaste do tecido social do meio rural que, além de envelhecer, se masculiniza (ABRAMOVAY et al., 1998; CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999; WEISHEIMER, 2004; SIQUEIRA, 2004).

As jovens investem em estudos e buscam alternativas de inserção profissional no mercado de trabalho urbano, principalmente devido ao processo sucessório que tradicionalmente privilegia os herdeiros do sexo masculino no acesso a terra, em detrimento das mulheres (DEERE; LEON, 2002).

As mulheres só herdam a propriedade quando são filhas únicas, quando apenas há filhas mulheres, ou quando os filhos homens, por algum motivo, não querem assumir o trabalho. Fora isso, o acesso das mulheres à propriedade de terras está em grande parte associado à união conjugal com um agricultor (BRUMER; SPANEVELLO, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escola Técnica Estadual da zona rural de São Lourenço do Sul



Fonte: Amanda Motta Castro. 2016

A ação de culminância do projeto aqui apresentado foi uma roda de conversa desenvolvida na Escola Técnica Estadual Santa Isabel, na zona rural de São Lourenço do Sul, com cerca de 50 estudantes do ensino médio, concomitante ao curso técnico em agropecuária.

Jovens de 15 a 25 anos, oriundos do próprio município e cidades próximas, a grande maioria reside no interior e convive diariamente com serviço de lavoura, criação de animais e com realidades distintas. Cerca de 20% dos estudantes afirmaram não perceber desigualdade do trabalho da mulher ou do homem nas suas experiências de vida. E 80% afirmam perceber sim desigualdade, tanto em suas famílias, na localidade em que vivem, nas ofertas de emprego nas áreas agropecuárias e até durante o curso.

Nessa atividade podemos ouvir um pouco sobre a invisibilidade do trabalho no campo e resgatar um pouco da história de vida das mulheres das famílias das turmas que trabalhamos em um dos relatos um estudante falou: “Olha eu achava que minha mãe não trabalhava, sempre disse que ela não trabalhava, mas agora discutindo sobre isso acho que ela trabalha bastante!” (Estudante da escola Santa Isabel)

A cada frase da turma percebíamos a forma do dia a dia no que consta na epigrafe deste relato: A questão de gênero é um dos principais fatores na construção de desigualdades sociais (DIAS, 2014).

Assim sendo, nosso trabalho afirma os escritos e pesquisas sobre mulher e trabalho. Entendemos que pequenas ações, como nossa roda de conversa em uma manhã fria na zona rural, pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa entre os sexos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Kátia. A força da mulher do campo. Senadora Katia Abreu, 6 de março de 2015. Disponível em: <http://senadorakatiaabreu.com.br/a-forca-da-mulher-do-campo>. Acessado em junho de 2016.

BRANCO, Mariana. Mulheres do campo lutam para derrubar barreiras e preconceitos. Agência Brasil, Brasília, 25 de maio de 2015. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-05/mulheres-do-campo-lutam-para-derrubar-barreiras-e-preconceito> Acessado em junho de 2016.

BRASIL, Embrapa. Hortaliças em revista. A mulher no campo: Os desafios enfrentados e a superação de mulheres que vivem da agricultura. Brasília, janeiro/fevereiro de 2012. Pag. 6-8. Disponível em: https://www.embrapa.br/documents/1355126/2250572/revista_ed1.pdf/6003f98a-1c32-4293-a328-6f41c5e0e2b5. Acessado em junho de 2016.

BRUMER, Anita, PANDOLFO, Graziela Castro, CORADINI, Lucas. Fazendo gênero – UFSC. Gênero e agricultura familiar: projetos de jovens filhos de agricultores familiares na Região Sul do Brasil. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST3/Brumer-Pandolfo-Coradini_03.pdf Acessado em maio de 2016.

BRUMER, Anita, PAULILO, Maria Inês, ESMERALDO, Gema Galgani. Fazendo Gênero: Corpo, Violência e Poder. As múltiplas faces da mulher rural no Brasil. 28 de agosto de 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/st03.html>. Acessado em julho de 2016.

CARNEIRO, Maria José. Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero. Biblioteca Virtual. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/dois/carnei2.htm>. Acessado em julho de 2016.

CARDOSO, Elisabeth Maria. Mulheres do campo lutam para derrubar barreiras e preconceitos. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-05/mulheres-do-campo-lutam-para-derrubar-barreiras-e-preconceito> acessado em junho de 2016.

CASTRO, Amanda Motta. Fios, tramas, cores, repassos e inventabilidade: A formação de tecelãs em Resende Costa, MG. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015.

_____; OLIVEIRA, K. L. (Org.). Desigualdades de gênero e as trajetórias latino-Americanas: Reconhecimento, dignidade e esperança. 1ª. ed. São Leopoldo: EST, 2014

DÍAS, Laura Mota. Instituições do estado e a produção e reprodução da desigualdade na América Latina. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/clacso/crop/cattapt/06mota.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

GRILO, Margareth. Pecuária é, sim, assunto de mulher. Tribuna do Norte, Natal, RN, 18, outubro, 2012. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/pecuaria-e-sim-assunto-de-mulher/234383>. Acessado em julho de 2016.

KERGOAT, Prisca. Ofício. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Franloise (org). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Unesp, 2011.

LAGARDE, Marcela. **Cautiverios de las mujeres:** madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4. ed. Ciudad del México: UNAM, 2011.

MARTINS, Vera. Fazendo gênero – Unisinos. Mulheres agricultoras: práticas e discursos de resistência. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST3/Vera_%20Martins_03.pdf. Acessado em julho de 2016.

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Florianópolis: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. Minha história sobre as mulheres. São Paulo: Contexto, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SALES, Celecina. Mulheres Rurais: Tecendo Novas Relações e Reconhecendo Direitos. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.15, n.2, p.437-443, 2007.

SPANVELLO, Rosani Marisa. Fazendo gênero – UFRGS. A situação das filhas na transmissão do patrimônio na agricultura familiar. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST3/Rosani_Marisa_Spanevello_03.pdf. Acessado em julho de 2016.